

Encontros e desencontros com o desejo nos corredores da velhice: Leitura de “A procura de uma dignidade”, de Clarice Lispector

Matches and mismatches with desire in the old age’s corridors: Reading “A procura de uma dignidade”, by Clarice Lispector

Autoria: Carla Casarin Leonardi

 ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9044-1381>

 Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8654254631230768>

DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2525-8133.opiniaes.2022.198611>

URL do artigo: <http://www.revistas.usp.br/opiniaes/article/view/198611>

Recebido em: 04/06/2022. Aprovado em: 10/11/2022

Opiniões – Revista dos Alunos de Literatura Brasileira

São Paulo, Ano 11, n. 21, ago.-dez., 2022.

E-ISSN: 2525-8133

Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

Website: <http://www.revistas.usp.br/opiniaes>.

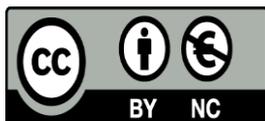
Contato: opiniaes@usp.br

 [fb.com/opiniaes](https://www.facebook.com/opiniaes)  [@revista.opiniaes](https://www.instagram.com/revista.opiniaes)

Como citar (ABNT)

LEONARDI, Carla Casarin. Encontros e desencontros com o desejo nos corredores da velhice: Leitura de “A procura de uma dignidade”, de Clarice Lispector. *Opiniões*, São Paulo, n. 21, pp. 149-164, 2022. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2525-8133.opiniaes.2022.198611>. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/opiniaes/article/view/198611>.

Licença Creative Commons (CC) de atribuição (BY) não-comercial (NC)



Os licenciados têm o direito de copiar, distribuir, exibir e executar a obra e fazer trabalhos derivados dela, conquanto que deem créditos devidos ao autor ou licenciador, na maneira especificada por estes e que sejam para fins não-comerciais.

encontros e desencontros com o desejo nos corredores da velhice: leitura de “a procura de uma dignidade”, de Clarice Lispector

Matches and Mismatches with Desire in the Old Age’s Corridors: Reading of “A procura de uma dignidade”, by Clarice Lispector

Carla Casarin Leonardi¹

Universidade de São Paulo – USP

DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2525-8133.opiniaes.2022.198611>

¹ Carla Casarin Leonardi é mestranda no Programa de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Universidade de São Paulo. Graduada em Letras português/francês (bacharelado e licenciatura) pela Universidade de São Paulo (2021) e em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo pela Faculdade Cásper Líbero (2012). Foi pesquisadora bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de SP em regime de dedicação exclusiva durante pesquisa de Iniciação Científica. E-mail: carla.leonardi@usp.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9044-1381>. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8654254631230768>.

Resumo

Este artigo, fruto de um trabalho de conclusão da disciplina “O infamiliar em Clarice Lispector”, oferecida pela pós-graduação do Programa de Literatura Brasileira da FFLCH-USP, debruça-se sobre o conto “A procura de uma dignidade”, de Clarice Lispector, publicado em *Onde estivestes de noite* (1974). Protagonizada pela senhora Jorge B. Xavier, a narrativa inicia com a idosa de quase 70 anos perdida nos corredores do subsolo do Estádio do Maracanã. À procura de uma conferência a que iria assistir, a senhora identificada pelo nome do marido – índice relevante da sociedade patriarcal sobre a qual a autora escrevia – mergulha em uma rede de angústias que vai revelando, pouco a pouco, sua infamiliaridade ao lidar com o desejo sexual na velhice e a ânsia por encontrar uma porta de saída. Para a análise do conto, foi importante recorrer a pesquisadores que se dedicaram ao estudo da obra de Clarice Lispector, bem como a outros textos do repertório clariciano, buscando acrescentar novas visadas à fortuna crítica da autora em um tema ainda não esgotado.

Palavras-chave

Clarice Lispector. Contos. Velhice. Mulher.

Abstract

This article, the result of a conclusion paper of the course “O infamiliar em Clarice Lispector”, offered by the postgraduate course of the Brazilian Literature Program of FFLCH-USP, focuses on the short story “A procura de uma dignidade”, by Clarice Lispector, published in *Onde estivestes de noite* (1974). Staged by Mrs. Jorge B. Xavier, the narrative begins with the almost 70-year-old woman lost in the underground corridors of the Maracanã Stadium. Looking for a conference to attend, the lady identified by the name of her husband – a relevant index of the patriarchal and sexist society about which the author wrote – plunges into a network of anxieties that gradually reveals her unfamiliarity with the dealing with sexual desire in old age and the urge to find a way out. For the analysis of this short story, it was important to resort to researchers who dedicated themselves to the study of Clarice Lispector, as well as other texts from the Lispector’s repertoire, seeking to add new perspectives to the author's critical fortune in a theme that still requires studies.

Keywords

Clarice Lispector. Short stories. Old age. Woman.

as representações da mulher na obra clariciana

Clarice Lispector é uma escritora que dedicou a maior parte de sua obra a personagens mulheres. Meninas, adultas, idosas, filhas, mães, esposas, patroas, empregadas... A representação feminina em sua literatura tomou forma em diversas posições familiares e sociais, dando vida a personagens como Joana, G.H., Loreley, Angela Pralini, Macabéa entre tantas outras. Focalizando a classe média e a pequena burguesia carioca de seu tempo, a escritora tomou o interior doméstico como o espaço por excelência das revelações internas do sujeito, num processo que parte do comezinho do cotidiano e, por meio de um momento de ruptura – seja ele gradual ou explosivo –, mergulha para perscrutar a alma humana.

Assim, se a dona de casa Ana, do conto “Amor”, vê seu mundo organizado quebrar como os ovos que carrega no bonde após ver um cego mascando chiclete, Laura, de “A imitação da rosa”, encontra na relação com as flores no centro da mesa de casa sua passagem para o planeta Marte, metáfora da dissolução do sujeito a caminho da loucura. Já G.H., ao ultrapassar a fronteira para o quarto da empregada Janair, tem no encontro com a barata uma das mais intensas experiências de alteridade do repertório clariciano.

Esses momentos de ruptura com o mundo historicamente organizado são chamados, comumente, de “epifania”, o que a pesquisadora Olga de Sá define como momentos de iluminação que se dão a partir do estranhamento de um objeto mirado: “A visão é concreta, poética. Ela nos leva a livrar-nos do automatismo perceptivo enfraquecido pelo hábito, ela nos devolve a sensação de vida. Ora, o procedimento de ‘estranhamento’, em Clarice Lispector, é a epifania” (SÁ, 1993a, p. 134). Sá destaca ainda que essa iluminação não se dá, necessariamente, pela transfiguração para o sublime, chamando a atenção para a importância do grotesco na obra de Clarice: “momentos epifânicos não são necessariamente transfigurações do banal em beleza. Muitas vezes, como marca sensível da epifania crítica, surge o enjoo, a náusea. A transfiguração não é radiosa, mas se faz no sentido do mole, do engordurado e demoníaco” (SÁ, 1993a, p. 199), questão importante na leitura dos textos claricianos protagonizados por idosas.

Como parte do rol de mulheres que compõem a ficção clariciana, as velhas se destacam como uma categoria que suscita um olhar atento para a relação entre reações internas e externas causadas pelo envelhecimento. Internas no que diz respeito às transformações individuais que o avançar da idade traz, como os questionamentos sobre a decrepitude do corpo e da aproximação da morte, e externas na medida em que o tratamento social – e também familiar, como metonímia da sociedade – muda em relação aos idosos.

Nesse sentido, exclusão, silenciamento, esvaziamento de afetos, objetificação, entre outros, aparecem como consequências do envelhecimento, sobretudo nas sociedades ocidentais urbanas como aquela sobre a qual Clarice escrevia. Na apresentação do livro de Ecléa Bosí, *Memória e sociedade – Lembranças de velhos*, Marilena Chauí destaca mecanismos institucionais, psicológicos, técnicos e científicos mobilizados pela estrutura capitalista para oprimir a velhice, destituindo os idosos da possibilidade de ensinar pelo saber que vem da experiência: “A função social do velho é lembrar e aconselhar – memini, moneo – unir o começo e o fim, ligando o que foi e o porvir. Mas a sociedade

capitalista impede a lembrança, usa o braço servil do velho e recusa seus conselhos” (In: BOSI, 1998, p. 18). Podemos compreender que, dentro de uma estrutura que privilegia a capacidade de produção material, o envelhecimento do corpo e da mente acarreta uma fragilidade produtiva que não interessa mais ao coletivo, fazendo com que os indivíduos velhos se tornem objetos de pouca importância numa sociedade em que prevalece o rápido descarte.

Na esteira dessas questões relativas ao envelhecimento, a sexualidade, sobretudo a feminina, aparece como duplo tabu: à mulher, na sociedade de fortes resquícios patriarcais, é dado o direito ao prazer com restrições morais (apenas dentro de relações estáveis heteronormativas, por exemplo); já à mulher velha, ele se revela não como um direito, mas como segredo vergonhoso (BEAUVOIR, 2018, p. 6), tema central do conto “A procura de uma dignidade”, publicado no volume *Onde estivestes de noite*, em 1974.

Convém destacar que essa coletânea traz uma miscelânea de textos de tamanhos e estilos diversos, muitos deles já escritos anteriormente. Alguns tendem mais para o conto, enquanto outros se inclinam para a crônica, como é característico da obra clariciana, que não se orienta por balizas textuais bem definidas. Já o livro seguinte publicado no mesmo ano, *A via crucis do corpo*, foi resultado de uma encomenda editorial. Assim como a publicação anterior, não foi bem recebida pela crítica, o que se deveu sobretudo aos temas abordados e às personagens a que dão forma, como figuras que fazem parte daquilo que Joel Rosa de Almeida, em *A experimentação do grotesco em Clarice Lispector* (2004), denomina “mundo marginal” – aquele que, poucos anos depois, assume sua representação mais conhecida pelo público leitor em Macabéa, do livro *A hora da estrela* (1977).

Do ponto de vista artístico-literário, em *A via crucis*, as histórias compõem uma representação direta e sem rodeios do urbano mundo marginal: homossexuais, amantes, velhas solitárias são as personagens representadas quase sem pudor, sempre ávidas pela realização dos desejos mais pulsantes. Nessa fase, CL não se afasta da elaboração estética que sempre caracterizou sua obra, sofisticando-se percepção e compreensão da sexualidade do ser, arrastado às seduções do corpo e preso aos sussurros da alma. Algo que também se evidencia em *Onde estivestes*, cujas histórias, além de apresentarem expressivas personagens velhas, metaforizam uma sedutora noite interminável (ALMEIDA, 2004, p. 19)

Na “Explicação” que abre *A via crucis do corpo*, Clarice Lispector escreve em primeira pessoa para abordar o processo de escrita dos contos que compõem a obra e prevê as críticas negativas que o volume suscitará, tendo em vista a experiência do livro imediatamente anterior. No texto, a escritora demonstra uma carga notadamente mais ácida e irônica em relação ao seu livro mais recente.

Vão me jogar pedras. Pouco importa. [...] Uma pessoa leu meus contos e disse que aquilo não era literatura, era lixo. Concordo. Mas há hora para tudo. Há também a hora do lixo. Este livro é um pouco triste porque eu descobri, como criança boba, que este é um mundo-cão (LISPECTOR, 2016, pp. 527-528).

Em *Clarice Lispector com as pontas dos dedos*, Vilma Arêas parte da distinção dos textos claricianos entre aquilo que, citando a própria escritora, chama de “das entranhas”, textos apontados pela crítica compreendendo a produção que vai de seu primeiro romance, *Perto do coração selvagem* (1943), até o fim dos anos 1960, e aqueles chamados “das pontas dos dedos”, textos que respondem a demandas externas editoriais e afins, como as duas obras de 1974, para demonstrar que há uma profunda relação entre eles, embora a maior parte da crítica os separe de maneira inequívoca. “Sendo de temperaturas diferentes, eles retraçam um movimento coerente e circular, embora intermitente, articulando-se uns com outros, apesar das dificuldades do que a escritora chama de ‘inspiração’ e de seus tempos mortos” (ARÊAS, 2005, p. 15). A aproximação entre essas duas “categorias” é importante no sentido de reafirmar a relevância dessas obras da última década de vida da autora.

Ainda segundo Arêas, em *A via crucis*, Clarice dá continuidade e mais espaço a temas apresentados na coletânea anterior, como a velhice, que havia sido trabalhada em “A Partida do Trem” e “A procura de uma dignidade” – esse último, objeto de análise do presente artigo. Como se pretende apontar a seguir, trata-se de uma narrativa que caminha sobre o tênue limiar entre a farsa e a tragédia, lançando mão de “*um tom excessivamente patético que frustra o cômico*” (ARÊAS, 2005, p. 63) e que busca no grotesco uma maneira de dar forma a alguns aspectos do envelhecimento. Considerando também a importância de *A via crucis* e sua relação com *Onde estivestes de noite*, o conto “Ruído de passos” será mobilizado para iluminar a análise da narrativa anterior, objeto deste estudo.

a procura de qual dignidade?

Perdida nos corredores escuros do subterrâneo do Estádio do Maracanã, onde entrou se esgueirando por uma abertura estreita, um “buraco feito só para ela” (LISPECTOR, 2016, p. 439), tal qual a Alice de Lewis Carroll,² a Sra. Jorge B. Xavier segue à procura de uma conferência a qual iria assistir. Sempre se dizendo atrasada, mais uma vez remetendo à narrativa inglesa, mas agora ao Coelho Branco, anda de corredor em corredor arrastando os seus pesados pés de quase 70 anos.

O conto que abre *Onde estivestes de noite* (1974) traz como protagonista essa senhora identificada não mais do que pelo nome do marido, indicando uma submissão à figura masculina. Esse traço de uma sociedade patriarcal que conserva

² *As Aventuras de Alice no País das Maravilhas*, de Lewis Carroll, foi publicado em 1865 e se tornou um dos grandes clássicos da literatura mundial. Comumente designada como literatura infantil, a obra percorre o *nonsense* de forma magistral. Após entrar pela toca de um coelho, Alice vai parar nesse universo fantástico, de aura onírica, em que coisas absurdas acontecem. Os olhares psicanalíticos para a narrativa não são novidade, especialmente os que abordam o limiar entre o consciente e o inconsciente, o mundo “real” e o que se manifesta no sonho. Já a relação entre o livro de Carroll e o conto “A procura de uma dignidade” foi bem apontada por NOR (2013) em “Nos labirintos do Maracanã: leitura de A Procura de Uma Dignidade, de Clarice Lispector”.

estruturas e conceitos morais que subjagam a mulher em relação ao homem já aparece como índice importante para a análise do desejo sexual na velhice feminina, tema que não é apresentado de forma explícita no início do conto. Porém, como é recorrente nos escritos claricianos, um olhar atento para a tessitura do texto – para a escolha das palavras, a articulação entre elas, os jogos de sentido com metáforas e metonímias inesperadas, entre outros recursos que caracterizam a obra literária de Clarice – traz à luz a libido da idosa como ponto central da narrativa.

Isso posto, objetiva-se apontar aqui de que forma a representação da sexualidade da idosa se dá a partir de sua angústia nos corredores do Maracanã, onde se percebe perda e anseia profundamente encontrar uma porta de saída. Assim, ela parte de uma relação entre os labirintos do subterrâneo do estádio e dos labirintos do interior da própria Sra. Xavier para pensar como a percepção da personagem sobre si mesma enquanto ser desejante é infamiliar para a velha. Ela inicia a narrativa procurando a saída do Maracanã mas, como veremos, mesmo após sair do estádio, continua angustiada por não encontrar um fim – uma saída, na verdade, para aquilo que realmente a incomoda: a permanência do desejo sexual. Se num primeiro momento essa porta se mostra como tentativa de sufocar o desejo, talvez também suscite, paradoxalmente, uma vontade de consumá-lo (ainda que da forma possível dentro das ofertas simbólicas, como veremos).

Aqui, é importante apresentar brevemente o conceito do infamiliar de Sigmund Freud. Em linhas gerais, trata-se daquilo que já nos foi familiar um dia, doméstico, mas que foi recalçado por algum motivo e que, quando vem à luz por algum elemento desencadeador, causa-nos estranheza, angústia. Em alemão, o prefixo “un-” encontra semelhança no “in-” do nosso português, em que “unheimliche” pode ser traduzido como “infamiliar”.³

se isso é mesmo a natureza secreta do infamiliar, então entendemos por que o uso da língua permitiu que o familiar deslizesse para seu oposto, o infamiliar, uma vez que esse infamiliar nada tem realmente de novo ou de estranho, mas é algo íntimo à vida anímica desde muito tempo e que foi afastado pelo processo de recalçamento. Essa relação com o recalçamento também lança luz, agora, à definição de Schelling, para quem o infamiliar seria algo que deveria permanecer oculto, mas que veio à tona (FREUD, 2019, p. 65).

Diante disso, veremos como em “A procura de uma dignidade”, o desejo sexual e a percepção desse desejo na idade avançada aparecem como algo da ordem do infamiliar para a Sra. Jorge B. Xavier, que se angustia frente a essa percepção quase insólita e tenta devolver o desejo para o lugar do recalque.

Desde o início do conto, o labiríntico subterrâneo do Maracanã onde a idosa está perdida metaforiza o seu próprio “subterrâneo”, “de-dentro”, topos clariciano fortíssimo, e também o seu interior sexual, suas entranhas. As escolhas

³ No Brasil, Das Unheimliche já recebeu diferentes traduções, como “O Estranho” e “O Inquietante”. Mais recentemente, a Editora Autêntica publicou uma nova edição com tradução de Ernani Chaves e Pedro Heliodoro Tavares que traz a palavra-conceito como “O Infamiliar” – edição usada como referência para este trabalho.

lexicais, já desde as primeiras linhas, reforçam essa conotação sexualizada do texto, como se nota em: “como se tivesse entrado de esguelha por um buraco feito só para ela. O fato é que quando viu já estava dentro. E quando viu percebeu que estava muito, muito dentro” (LISPECTOR, 2016, p. 439).

A relação entre o estádio e o corpo da personagem continua ao longo da primeira parte da narrativa, em que ela está no Maracanã: as cavernas estreitas, o lugar torridamente deserto – tal qual sua vida sexual –, os corredores sombrios e, sobretudo, o calor inusitado em pleno inverno. Ela era o dia quente no mês de agosto; o desejo na velhice era “*fora de época, fruto fora de estação*” (Ibidem, p. 448), afinal.

Embora sua aparência física não indicasse a idade que tinha, sabia que estava envelhecida. Nos anos 1970, década em que o conto foi publicado, a velhice chegava socialmente mais cedo do que nos dias atuais. Além disso, o lugar da mulher na sociedade era ainda mais rebaixado em relação ao do homem no mercado de trabalho, nas posições de poder, nas condições econômicas e também na emancipação sexual. Assim, se o desejo feminino já era tabu, na terceira idade ele era mais reforçado.

Perdida nos corredores do estádio, a Sra. Xavier tem uma aura onírica, o que mais uma vez aponta para o caráter mágico do País das Maravilhas, mas também para um possível sintoma. Sempre confusa e esquecida, talvez esteja num princípio de Alzheimer, doença degenerativa que afeta o cérebro, minando funções como memória, linguagem e comportamento. De modo geral, todo o conto é sobre esquecer, lembrar e procurar. Desorientada, ela finalmente encontra um homem – e aqui vale reforçar a imagem masculina que vai guiá-la – para ajudá-la a andar naquele estádio “nu desventrado, sem bola nem futebol. Sobretudo sem multidão. Havia uma multidão que existia pelo vazio de sua ausência absoluta” (Ibidem, p. 440).

O estádio sem ventre, sem bola e futebol remete, mais uma vez, à, quase ausência do investimento erótico no corpo da idosa. “Quase” porque ainda resta o desejo: é a multidão que existe pela ausência, é o desejo que permanece a despeito de tudo – do envelhecimento do corpo, da falta de sexo, do tabu do desejo na terceira idade. Essa repressão aparece, por exemplo, na roupa de lã grossa que a sufoca no calor inesperado, metaforizando o sufocamento de seu arroubo. Por fim, é preciso abafá-lo para que essa vontade permaneça recalçada.

Já quase desistindo de sair do Maracanã depois de se lembrar que a conferência não era no estádio, mas perto dele, a idosa, paradoxalmente espantada e habituada, pede ajuda para achar o portão de saída. Já no táxi que a levará ao endereço certo, conta com a paciência do motorista, que a trata como uma criança, mais uma vez indicando a deserotização da personagem que, a despeito desse olhar infantilizador, sente suas entranhas sendo sacudidas pelos solavancos do carro. É interessante apontar que esse movimento de idas e vindas, tentativa de minar o investimento erótico (por parte do olhar do outro e dela sobre si mesma) e de retomar a libido percorre todo o texto, seguindo um movimento de entrega e resistência à sua *via crucis*.

Ao chegar ao local da conferência, a idosa desiste de assisti-la e resolve ir embora. Senta-se “fora da cultura que se processava defronte na sala fechada” (Ibidem, p. 444) e parece entrar num processo de perda da subjetividade – é o sujeito fora da cultura. O evento não lhe interessava, era apenas o esforço de se manter

ativa, num convívio social e intelectual, provavelmente para manter-se fora do envelhecimento e permanecer como parte ativa da sociedade. É possível associar esse esforço também a uma tentativa de sublimação, de desvio das forças de pulsão sexual para um alvo não sexual. Mas a Sra. Xavier falha nesse pequeno projeto, pois está cansada.

Em outro táxi, que agora a levaria para casa, percebe que não para de rodar em uma mesma praça. Mais uma vez, não há saída, e a dificuldade de encontrar escape, que se poderia interpretar como um fim para o desejo, vai ganhando novos contornos na narrativa também labiríntica, configurando-se num texto que mimetiza a dificuldade de uma resolução e também a dificuldade de raciocínio linear da velha. O motorista não sabia ir para o Leblon, onde a idosa morava, e ela precisa trocar de taxista, ainda assim com muita educação e gentileza, apesar da situação inconveniente e insólita de um motorista de táxi não saber ir à Zona Sul.

Finalmente, ao chegar ao seu apartamento, Sra. Xavier sente vontade de chorar, mas não o faz, reprimindo outra manifestação de emoção. As lágrimas são contidas, afinal, “ela não era de soluçar” (Ibidem, p. 445), indicando que a repressão daquilo que vem de dentro – do soluço, do desejo, do gozo que é dor e prazer – era parte dela (certamente, constituída também a partir dos preceitos morais da época). No quarto, tira toda a roupa, toma um comprimido sem água para dormir e fuma enquanto espera que o remédio faça efeito. O corpo velho e desnudo estaria à espera do sono que viria para sossegar suas vontades ou para realizá-las em sonho?

Quando acorda, o tempo havia mudado. Fazia frio e caía uma chuva fina; a mudança da natureza parece acompanhar a do corpo da idosa, que tenta resfriar seus instintos. Ainda sem roupa, acha “muito curioso ser uma velha nua” (Ibidem, p. 445) e imediatamente se lembra de comprar uma echarpe de lã. Mais uma vez, o tecido grosso de inverno vem para sufocar o desejo que é verão e que é suscitado a partir de sua nudez na cama. Ao sair de casa, toma outro táxi e pede para ir a Ipanema, mas o motorista não entende e pergunta se ela vai ao Jardim Botânico. O desencontro total desestabiliza a idosa, afinal, que semelhança havia entre a sonoridade das palavras para que ele as confundisse? A menção ao Jardim Botânico, porém, não é gratuita – a partir desse ponto, as referências à natureza e ao que é inumano começam a se evidenciar de maneira mais acentuada.

De volta à casa mais uma vez, sem a companhia do marido, que sabemos estar em São Paulo, Sra. Xavier lembra-se de procurar uma letra de câmbio e, ao se ajoelhar para olhar embaixo da cama, percebe que está com os joelhos e as mãos apoiados no chão. Ela estava “cansada de ser um ente humano. Estava sendo uma cadela de quatro. Sem nobreza nenhuma. Perdida a altivez última” (Ibidem, p. 446), deixando a imagem da senhora contida e gentil se perder por alguns instantes. Talvez pensasse em algo, talvez não; talvez por poucos segundos estivesse fora da ordem do racional. “Mas debaixo da cama só havia poeira” (Ibidem, p. 446), e percebe que o seu lugar era outro, que o seu desejo deveria ficar no recalque, no passado, censurando-se mais uma vez.

Quando finalmente encontra a letra de câmbio – sem querer, como tudo acontecia em sua vida, evidenciando as escolhas não feitas e o destino que corria à revelia de suas vontades – chora. “Há trinta anos não chorava, mas agora estava tão cansada. Se é que aquilo era choro. Não era. Era alguma coisa” (Ibidem, p. 446), trecho em que percebemos como a personagem extravasa, ainda que de forma contida, algo de seu interior, de genuína emoção, do que é instinto e não racional.

Então, finalmente, a reflexão sobre o “aquilo” vem. Não nomeia o desejo sexual, porque nomear é dar contornos de realidade e a “fome dolorosa de suas entranhas” (Ibidem, p. 447) ganha concretude apenas na imagem do cantor Roberto Carlos, seu objeto de desejo – ou um objeto que ela consegue elaborar, ao menos um objeto possível porque distante, da ordem da fantasia. Ao lavar as mãos na pia do banheiro para limpar a poeira, que é a poeira do chão e a sua própria, observa seu rosto no espelho e vê uma imagem “bestial sob a influência de seus sentimentos” (Ibidem, p. 447). Nota-se como a natureza se faz cada vez mais presente como aquilo que é da ordem do primitivo, instintivo e incontrolável.

“Por fora – viu no espelho – ela era uma coisa seca como um figo seco. Mas por dentro não era estorricada. Pelo contrário. Parecia por dentro uma gengiva úmida, mole assim como gengiva desdentada” (Ibidem, p. 448). Embora envelhecida, não era seca por dentro. A excitação se mostra na descrição da gengiva úmida – a genitália feminina – e ela permanece em pé “tão anônima quanto uma galinha” (Ibidem, p. 448), mais uma vez remetendo ao que é animal.

É neste momento que ela entende que as pessoas podem ser anônimas e que ela estava sendo anônima ali. O anônimo pode ser qualquer um, alguém capaz de sentir e fazer sem se preocupar com consequências sociais. O anônimo refere-se ao que é animal, fugidio, que dá lugar à “escuridão das trevas malignas de seus instintos vivos como lagartos e ratos” (Ibidem, p.448), bichos rápidos, vívidos, rasteiros, repugnantes e, sobretudo, anônimos. “Então procurou um pensamento que a espiritualizasse ou que a estorricasse de vez. Mas nunca fora espiritual. E por causa de Roberto Carlos a senhora estava envolta nas trevas da matéria, onde ela era profundamente anônima” (Ibidem, p.448); e, por isso, poderia se entregar ao desejo: ia se estorricar, porque ela era ninguém. Mas nada se concretiza.

Diante dessa percepção, a Sra. Xavier tenta ter pensamentos românticos com o rosto de Roberto Carlos, mas não consegue e volta ao corredor escuro da sensualidade, antes mimetizado pelos subterrâneos do Maracanã. “E a danação era a lascívia. Era fome baixa: ela queria comer a boca de Roberto Carlos. Não era romântica, ela era grosseira em matéria de amor. Ali no banheiro, defronte do espelho da pia” (Ibidem, pp. 448 - 449), onde ela podia ser cadela, galinha e grosseira a despeito de ser senhora, velha e mulher. Não era o sublime; era o primitivo, o rasteiro.

Importante lembrar que as referências à natureza e aos animais percorrem parte considerável do repertório clariciano, como bem apontou Regina Pontieri em “Os tantos outros que sou – Clarice Lispector e a experiência da alteridade”.

Suas obras são povoadas por uma *legião estrangeira* feita sobretudo de mulheres e animais, com frequência particularizados em momentos ou situações de fragilidade. [...] Clarice trataria, do começo ao fim de sua obra, da alteridade com a qual ela própria conviveria a cada minuto de vida. Aquela com que todos temos o grande encontro, momento em que experimentamos nossa finitude, na fatal hora da estrela que nos aguarda a cada um (PONTIERI, 1994, pp. 27-28)

Trata-se da experiência da alteridade, em que a idosa se aproxima das figuras animais para encontrar esse outro de si mesma que poderia, naquelas formas

inumanas, realizar o desejo sem restrições. Na obra de Clarice, essa alteridade assume sua representação mais radical em *A Paixão Segundo G.H.*, em que a protagonista vai até o limite antes da perda de sua subjetividade. Há sempre uma busca pela forma viva e por algo que é da ordem da vida primeva, quase como um mistério, um segredo perigoso.

“Por que nunca lhe tinham avisado as outras velhas que até o fim isso podia acontecer? Nos homens velhos bem vira olhares lúbricos. Mas nas velhas não. Fora de estação. Ela viva como se ainda fosse alguém, ela que não era ninguém” (LISPECTOR, 2016, p. 448), pensa, trazendo a régua social patriarcal mais uma vez para medir seus desejos.

Ali estava, presa ao desejo fora de estação assim como o dia de verão em pleno inverno. Presa no emaranhado dos corredores do Maracanã. Presa ao segredo mortal das velhas. Só que ela não estava habituada a ter quase 70 anos, faltava-lhe prática e não tinha a menor experiência (Ibidem, p. 449).

Ser velha, para a Sra. Xavier, era como usar uma máscara a qual lhe faltava costume. Enquanto se olhava no espelho do banheiro, num investimento narcísico que a frustra por devolver-lhe um rosto envelhecido, compara a cara maquiada à de um palhaço. Ela força um sorriso “para ver se melhorava” (Ibidem, p. 448), mas a repulsa àquele outro de si mesma – um outro idoso e tão infamiliar que mais parecia uma máscara de palhaço do que seu próprio rosto – continua. O olhar para esse envelhecimento estético, para os cabelos brancos que demandavam tintura e o contínuo pensamento em Roberto Carlos trazem à tona a lembrança da morte. Por fim, “concluiu que ia morrer secretamente assim como secretamente vivera. Mas também sabia que toda morte é secreta” (Ibidem, p. 449).

Finalmente, diz em voz alta “Robertinho Carlinhos”, chamando-o de “meu amor”, sem culpa ou vergonha, sentindo-se voluptuosa e gulosa frente à imagem casta que fazia do cantor. E, então, pensa se seus lábios de velha ainda seriam beijáveis, debruçando-se na pia “como se fosse vomitar as vísceras e interrompeu sua vida com uma mudez estraçalhante: tem! que! haver! uma! porta! de saíííííida!” (Ibidem, p. 450).

Assim, a idosa que morava no Leblon e começou a narrativa indo participar de uma conferência para se manter como um ser dentro da cultura erudita, termina sua procura de uma dignidade dando vazão aos seus instintos mais primevos ao tomar como referência uma figura da cultura popular. Aqui, vale reforçar que ela estava à procura **de uma** dignidade, o que abre possibilidades vastas. De qual dignidade se tratava? Talvez não a de uma suposta erudição sugerida no começo do texto, mas da dignidade, enfim, de não ser ninguém – seja para não ter o desejo, seja para ser capaz de consumá-lo.

OS RUÍDOS QUE RESTAM

Essa não foi a primeira vez que Clarice Lispector escreveu sobre a velhice da mulher, certamente. As idosas são recorrentes em seu repertório contístico, como Dona Anita de “Feliz aniversário”, Severina de “Laços de família”, Margarida de “O grande passeio”, Dona Cândida Raposo de “Ruído de passos”, entre outras. Essa

última, já com mais de oitenta anos, também se vê às voltas com o desejo do prazer que ainda não havia passado.

Tinha oitenta e um anos de idade. Chamava-se dona Cândida Raposo.

Essa senhora tinha a vertigem de viver. A vertigem se acentuava quando ia passar dias numa fazenda: a altitude, o verde das árvores, a chuva, tudo isso a piorava.

Quando ouvia Liszt se arrepiava toda. Fora linda na juventude. E tinha vertigem quando cheirava profundamente uma rosa.

Pois foi com dona Cândida Raposo que o desejo de prazer não passava.

Teve enfim a grande coragem de ir a um ginecologista. E perguntou-lhe envergonhada, de cabeça baixa:

— Quando é que passa?

— Passa o quê, minha senhora?

— A coisa.

— Que coisa?

— A coisa, repetiu. O desejo de prazer, disse enfim.

— Minha senhora, lamento lhe dizer que não passa nunca.

(LISPECTOR, 2016, p. 567)

Assim como a Sra. Jorge B. Xavier, Cândida Raposo considera o seu desejo inapropriado e o tabu é reforçado pelo médico, que lembra a idade da idosa quando ela pensa em pagar alguém para satisfazer-lhe a vontade. A conclusão de ambos, então, é que ela se “arranjasse sozinha”. “Nessa mesma noite deu um jeito e solitária satisfez-se. Mudos fogos de artifícios. Depois chorou. Tinha vergonha. Daí em diante usaria o mesmo processo. Sempre triste. É a vida, senhora Raposo, é a vida. Até a bênção da morte” (Ibidem, p. 568). Os fogos de artifício sem som representam o choro do gozo, que é sofrimento e deleite, vergonha e satisfação.

Vale lembrar que “Ruído de passos” também foi publicado em 1974 e, como “Onde estivestes de noite”, de certa forma, acompanha o processo de maturidade da própria Clarice. Mais uma vez, vale recordar que a velhice na década de 1970 chegava muito mais cedo do que nos dias atuais, tanto por questões sociais ligadas ao desenvolvimento econômico e também ao estilo de vida, quanto pelo avanço da ciência.

Como é ponto central na obra da autora, os dois livros trazem personagens femininas que buscam aquilo que Olga de Sá chama de “a face escondida do ser que a linguagem exaustivamente procura” (SÁ, 1993b, p. 22). Não se trata, como reforça Sá, de algo da ordem do sobrenatural, mas daquilo que faz parte da vida comezinha. “Clarice questiona o ser aqui e agora: a realidade, inclusive cotidiana, é que tem uma face oculta” (SÁ, 1993b, p. 22), sempre por meio da problematização da linguagem com relação ao ser. A autora de *A travessia do oposto* ainda comenta o primeiro livro de 1974 e ressalta o caráter orgiaco dos textos já sugerido pelo título.

Onde estivestes de noite?, livro publicado em 1974, celebrará esta orgia da noite, que é quando acontece a vida, até no enquadramento dos dias comuns. *Na noite*, há a alegria do corpo, a tortura da sensualidade, mesmo que para uma velha de 70 anos, como a Sra. Jorge B. Xavier (SÁ, 1993b, p. 138).

Dessa forma, a focalização da relação entre sublime e grotesco é mais uma vez posta em cena, à medida que o grotesco é, em Clarice, “o mundo conhecido estranhado, porque distanciado de nós” (SÁ, 1993b, p. 96). Nesse sentido, emerge o infamiliar como espécie de grotesco, e o limiar entre natureza e sociedade aparece esmaecido na transcendência dos limites sociais ao encontro de uma origem da vida como algo sublime.

Já no início de “Ruído de passos”, reproduzido acima, a voz narrativa diz que a chamada “vertigem de viver” da idosa aumentava quando ela ia à fazenda. Novamente, a natureza – as árvores verdes, a chuva, o perfume das rosas – traz os instintos animais à flor da pele ou, mais do que isso, evidencia-se como ponto de contato entre o humano e o inumano, numa experiência de alteridade. Interessante também notar a referência a Liszt, musicista húngaro que aparece no conto como espécie de reverberação da libido na cultura erudita, enquanto a Sra. Xavier tem uma relação semelhante com uma figura da cultura popular. Por fim, chega-se à mesma conclusão: não havia uma porta de saída senão a morte, que vem como bênção.

No fim de “Ruído de passos”, a expectativa criada ao longo das linhas anteriores é quebrada: a senhora Raposo (mais uma vez, a mulher identificada pelo sobrenome do marido) ainda era casada. Os ruídos de passos que dão título ao conto são de Antenor Raposo, seu marido, indicando que ele não era mais capaz de satisfazer sua esposa. O que resta dele não são nem os passos: sobram apenas ruídos.

Mantendo-se na questão da morte como única saída possível, emerge a questão das pulsões de vida e morte da psicanálise. Mas, se em “Ruído de Passos” a relação entre Eros e Thanatos parece mais evidente – porque explicitada no discurso –, em “A procura de uma dignidade” ela é mais sutil e o que se observa é o início de um processo de dissolução do sujeito. Os esquecimentos de um possível Alzheimer começam a apagar o “eu” historicamente constituído na cultura, talvez como uma defesa do ego para se proteger da realidade atual e insuportável.

Sobre essa reflexão, cabe questionar qual a relação entre a libido enquanto pulsão de vida e a velhice, período que inevitavelmente antecede a morte. Para além das questões sociais e do tabu do desejo da mulher na terceira idade, talvez a percepção do insólito venha também desse aparente paradoxo. Ver-se como um ser desejante na velhice é o infamiliar, aquilo que deveria permanecer oculto e vem à tona. Assim, se no começo de “A procura de uma dignidade” o objeto de desejo está difuso e a infamiliaridade vem do desespero de não encontrar uma saída (do Maracanã, que mimetiza os seus próprios corredores da sensualidade), na segunda parte do texto ele se concretiza na imagem de Roberto Carlos e se mantém apenas na ordem da fantasia, porque não tem mais lugar na vida real.

Assim, a conclusão de “Ruído de passos” de que só a morte virá como bênção ressoa a falta de resolução de “A procura de uma dignidade”, já que a angústia continuará, evidenciando a luta entre as pulsões de vida e morte. É a eterna procura, a busca infinita sem uma resposta final que faz parte não só desses contos,

mas da tessitura clariciana como um todo, num repertório que não se encerra em si mesmo. A busca continua num processo que é também, para nós leitores, dor e prazer, porque “o que é vivo, por ser vivo, se contrai” (LISPECTOR, 2004, p. 162). Trata-se, afinal, do eterno desamparo de viver.

interno e externo: entre o íntimo e o social nos textos claricianos

Já muito se debateu sobre uma suposta alienação social de Clarice Lispector, mas embora as questões sociais não sejam a principal camada de seus textos, a autora se debruçou, inegavelmente, sobre problemas relevantes para a sociedade. Já no fim da vida, com *A hora da estrela* (1977), a autora deu vida a Macabéa, uma mulher nordestina, migrante, pobre, explorada no trabalho e excluída socialmente em diversos níveis, inclusive no da linguagem. Mas antes desse livro, Clarice, mesmo com seu estilo de escrita comumente caracterizado pelo senso comum como intimista e subjetivo, havia lançado luz em diversos momentos sobre problemas sociais, como o envelhecimento feminino, trazendo-os a nível de debate.

A crônica “Mineirinho”,⁴ por exemplo, parte da notícia sobre a execução de um criminoso com 13 tiros e mergulha nos sentimentos de uma voz narrativa que pode ser interpretada, em certa medida, como a voz da própria escritora, para problematizar a questão. “Qualquer que tivesse sido o crime dele, uma bala bastava. O resto era vontade de matar”, disse Clarice posteriormente em entrevista.⁵ Nesse conto-crônica, a experiência da alteridade é o motor da narrativa, desestabilizando a noção de uma escrita absolutamente intimista, na medida em que essa busca pelo outro – por, no limite, ser o outro – é central na produção literária clariciana.

Talvez a árdua tarefa de identificar estilos – social ou intimista, subjetivo ou problematizador – seja parte desse projeto literário (mesmo sem ser definido a priori ou de forma intencional) que Clarice construiu ao longo de sua vida como escritora, sempre desviando de escaninhos delimitados e fazendo uso da fragmentação da linguagem não para representar o mundo, mas para revelá-lo, como aponta Neiva Kadota em *A tessitura dissimulada* (KADOTA, 1999, p. 34). Externo e interno são intimamente ligados em seus textos e as questões sociais parecem vir sempre acompanhadas do “de-dentro”, daquilo que nos constitui como humanos e que não pode ser maniqueísta, dada a nossa complexidade. É como a transformação de um eu pessoal em um nós plural (Ibidem, 1999, p. 139). Assim, é possível afirmar que o olhar clariciano para a existência tem cores e contornos diversos, exigindo de nós, leitores, uma mirada também plural, que não se preocupa em distinguir de forma definitiva o que é da ordem do social e do indivíduo. Neiva Kadotta nomeia esse como um processo desautomatizante de percepção (Ibidem, p. 34), tomando a obra *Água viva* (1973) como exemplo de um “questionar fragmentário sobre a linguagem, a conduta humana, a transcendência das coisas, os problemas existenciais éticos e estéticos que nos envolvem na tarefa de viver” (Ibidem, p. 35), definição que pode ser estendida a boa parte da produção literária de Clarice Lispector.

⁴ Presente em *Todos os contos* (LISPECTOR, 2016).

⁵ Entrevista a Julio Lerner, na TV Cultura, em 1977. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ohHP112EVnU&t=961s>.

Nesse sentido, pensar o envelhecimento das mulheres também passa pelos processos internos tanto daquelas que já envelheceram, quanto daqueles que estão ao seu redor. Clarice mira o interior doméstico e as relações familiares, perscrutando o interior das personagens, mas não por isso deixa de ecoar os processos de exclusão da mulher idosa que se dão na sociedade liberal burguesa, que descarta aqueles que não têm mais função na cadeia de produção e consumo, trazendo a questão a nível de consciência e de debate. Porém, como é marcante em sua literatura, dar a mão ao leitor para percorrer esse trajeto mostra-se como condição imprescindível no desvelamento do eu pessoal e coletivo, atravessando os diferentes espectros que constituem nossas luzes e sombras. Seria essa, talvez, a travessia do oposto.

referências bibliográficas

ALMEIDA, Joel Rosa de. *A experimentação do grotesco em Clarice Lispector: ensaios sobre literatura e pintura*. São Paulo: Nankin Editorial: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.

ARÊAS, Vilma. *Clarice Lispector com a ponta dos dedos*. Companhia das Letras: São Paulo, 2005.

BEAUVOIR, Simone de. *A Velhice*. São Paulo: Nova Fronteira, 2018.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade. Lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

FREUD, Sigmund. *O infamiliar* [Das unheimliche]. Ed. Bilíngue. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2019.

LISPECTOR, Clarice. *A Descoberta do Mundo*. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2004.

LISPECTOR, Clarice. *A Paixão Segundo G.H.*. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2009.

LISPECTOR, Clarice. *A Via Crucis do Corpo*. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1998.

LISPECTOR, Clarice. *Todos os Contos*. Organização de Benjamin Moser. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2016.

NÓR, Gabriela Ruggiero. “Nos labirintos do Maracanã: leitura de A Procura de Uma Dignidade, de Clarice Lispector”. *e-escrita* – Revista do curso de Letras da Uniabeu, v. 4, 2013.3, pp. 102-116.

PONTIERI, Regina Lúcia. “Tantos outros que sou - Clarice Lispector e a experiência da alteridade”. *Cultura Vozes*, Petrópolis, v. 88, n. 4 , pp. 26-30, 1994.

SÁ, Olga de. *A Escritura de Clarice Lispector*. Petrópolis: Editora Vozes, 1993a.

SÁ, Olga de. *Clarice Lispector: a travessia do oposto*. São Paulo: Editora Annablume, 1993b.